

FANTASMAS QUE ASSOMBRAM O PARQUE

Brinquedos quebrados e estruturas arruinadas. Essa é a realidade do espaço que há três décadas atrai o brasiliense para desfrutar de suas áreas verdes

ADRIANA BERNARDES
DA EQUIPE DO CORREIO

Perto de completar 30 anos, em 12 de outubro, Dia da Criança, o Parque da Cidade continua a despertar paixões. O hábito de caminhar, pedalar, tomar sol, as brincadeiras no parquinho de diversões passam naturalmente de pai para filho. Mas, apesar disso, ao longo dos anos, carrega também um sabor amargo de lamento e revolta para muitos freqüentadores, que se queixam da deterioração do espaço que já foi o cartão-postal número um das áreas verdes do Plano Piloto.

Não é de hoje que o local passou a abrigar estruturas de lazer fantasma. Há um ano e meio, em 27 de agosto de 2006, o Correio mapeou cinco delas: a piscina de ondas, o pedalinho, o pesque-pague, o bicicletário e o castelinho. Passado todo esse tempo, quatro sombras indesejáveis ainda rondam os lugares anteriormente mais visitados pelos brasilienses e turistas. São mantidas graças a uma combinação de vandalismo e inércia do poder público nos últimos 10 anos.

A notícia boa é que o castelinho está revitalizado. E a meta da gerência do parque é acabar com os fantasmas — exceto o da piscina de ondas — até 30 de setembro. A vila de tijolinhos ganhou pintura nova e reforma nas mesas e cadeiras. Os escorregadores também estão em bom estado de conservação, assim como os brinquedos de metal em volta dela. Nem de longe a imagem lembra o fantasma do abandono de um ano e meio atrás.

"Esse é um projeto grandioso, a médio e longo prazo. A piscina está muito danificada", explicou Joseni Ferreira. Em 21 de janeiro deste ano, a gerência do parque entregou à Secretaria de Obras um levantamento de técnicos do Instituto Brasília Ambiental (Ibram) sobre o que precisa ser feito na área. Mas, a exemplo do que ocorreu com a reforma dos banheiros do castelinho, o projeto terá de ser melhorado, segundo a Secretaria de Obras.

Diferentemente dos outros fantasmas do parque, o pesque-pague foi o único a ser licitado desde que o Correio esteve no local, em 2006. Mas, ao contrário do que era de se esperar, isso não resolveu o problema porque até hoje os visitantes não podem desfrutar da pescaria.

O edital de licitação prevê o funcionamento de um bar, restaurante, serviço de bufê e o pesque-pague propriamente dito. O local abre as portas de quinta-feira a domingo, para a realização de festas. Segundo o permissionário, Erico Hoffman Ivala, só a pescaria não foi reativa. "O motivo é simples. O lago não tem água suficiente. Desde que concluímos a limpeza, o nível oscila muito", afirmou.

Erico Hoffman diz que o problema todo gira em torno da gestão dos lagos. "Existe apenas um sistema que abastece todos eles. Quem controla é a administração do parque. Há nove meses pedimos a eles que abrissem os registros. Não fomos atendidos. Com o nível de água baixo, não podemos colocar os peixes", alegou. Para a direção do parque, os argumentos do vencedor da licitação são insuficientes. "Faremos uma reunião esta semana para saber por que o pesque-pague não está aberto ao público", adiantou Joseni Ferreira.

Abandono

Na Secretaria de Obras, a informação é que o projeto precisa ser melhorado. Haverá uma reunião esta semana entre os técnicos para acertar os detalhes. Há pelo menos uma década, a piscina de ondas, o pedalinho, o pesque-pague e o bicicletário só existem na lembrança de quem teve tempo para desfrutar das brincadeiras.

Hoje, no espaço que abrigou a primeira piscina de ondas da América do Sul o cenário é o mesmo de um ano e meio atrás. O matto chega à altura dos joelhos. A piscina acumula água da chuva e

está com o fundo repleto de lodo. Os prédios do vestiário, seus banheiros e restaurante tiveram parte das paredes internas derrubadas por vândalos. O que restou está pichado. Na tarde de quinta-feira, um grupo de adolescentes praticava *le-parkour* — esporte de origem francesa em que os praticantes pulam obstáculos na cidade — nas grades que serviam para organizar o público.

De 2003 a 2006, o governo chegou a anunciar a reforma. Em 2005, a então Secretaria de Administração de Parques e Unidades de Conservação (Comparques) cogitou lançar um edital para as obras não só na piscina, mas também no bicicletário e nos vestiários, que seriam administrados por empresas particulares. A privatização causou polêmica e nunca saiu do papel. Ainda não há previsão de quando o espaço voltará a funcionar.

"Esse é um projeto grandioso, a médio e longo prazo. A piscina está muito danificada", explicou Joseni Ferreira. Em 21 de janeiro deste ano, a gerência do parque entregou à Secretaria de Obras um levantamento de técnicos do Instituto Brasília Ambiental (Ibram) sobre o que precisa ser feito na área. Mas, a exemplo do que ocorreu com a reforma dos banheiros do castelinho, o projeto terá de ser melhorado, segundo a Secretaria de Obras.

Diferentemente dos outros fantasmas do parque, o pesque-pague foi o único a ser licitado desde que o Correio esteve no local, em 2006. Mas, ao contrário do que era de se esperar, isso não resolveu o problema porque até hoje os visitantes não podem desfrutar da pescaria.

O edital de licitação prevê o funcionamento de um bar, restaurante, serviço de bufê e o pesque-pague propriamente dito. O local abre as portas de quinta-feira a domingo, para a realização de festas. Segundo o permissionário, Erico Hoffman Ivala, só a pescaria não foi reativa. "O motivo é simples. O lago não tem água suficiente. Desde que concluímos a limpeza, o nível oscila muito", afirmou.

Erico Hoffman diz que o problema todo gira em torno da gestão dos lagos. "Existe apenas um sistema que abastece todos eles. Quem controla é a administração do parque. Há nove meses pedimos a eles que abrissem os registros. Não fomos atendidos. Com o nível de água baixo, não podemos colocar os peixes", alegou. Para a direção do parque, os argumentos do vencedor da licitação são insuficientes. "Faremos uma reunião esta semana para saber por que o pesque-pague não está aberto ao público", adiantou Joseni Ferreira.

MINISTRO HELIO QUAGLIA BARBOSA

O SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA informa que será celebrada missa em memória do Excelentíssimo Senhor Ministro Hélio Quaglia Barbosa, que faleceu na cidade de São Paulo, no último dia 1º. A missa será celebrada na Catedral Metropolitana de Brasília, segunda-feira, dia 11 de fevereiro, às 19 horas.

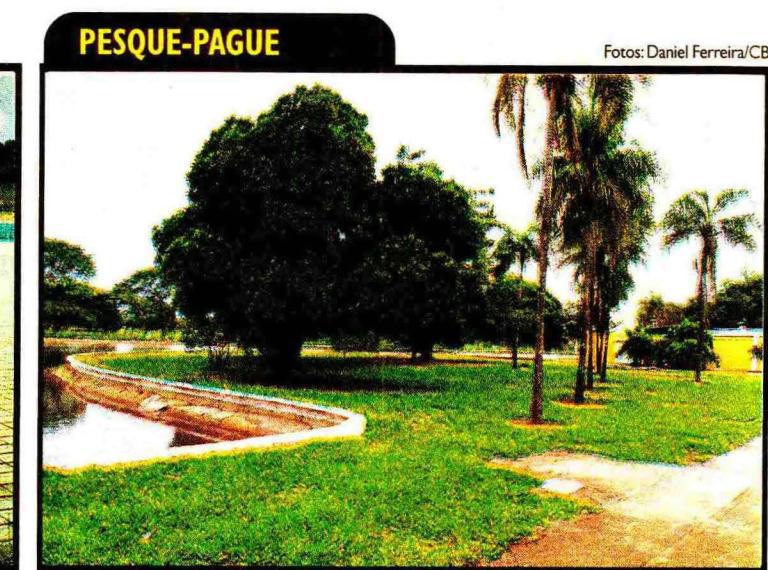


PISCINA DE ONDAS

HOJE
A piscina de ondas ainda é um fantasma no Parque da Cidade. Ela acumula água da chuva e o fundo está repleto de lodo. Faz cinco anos que a reforma do local é adiada. A estrutura de concreto que abrigava o vestiário, banheiro e bar está praticamente destruída. Paredes internas foram quebradas ou pichadas. Em volta da piscina, os pendões do capim atingem a altura dos joelhos. Quando funcionava, atraía turistas e moradores de todas as classes sociais

O QUE SERÁ FEITO

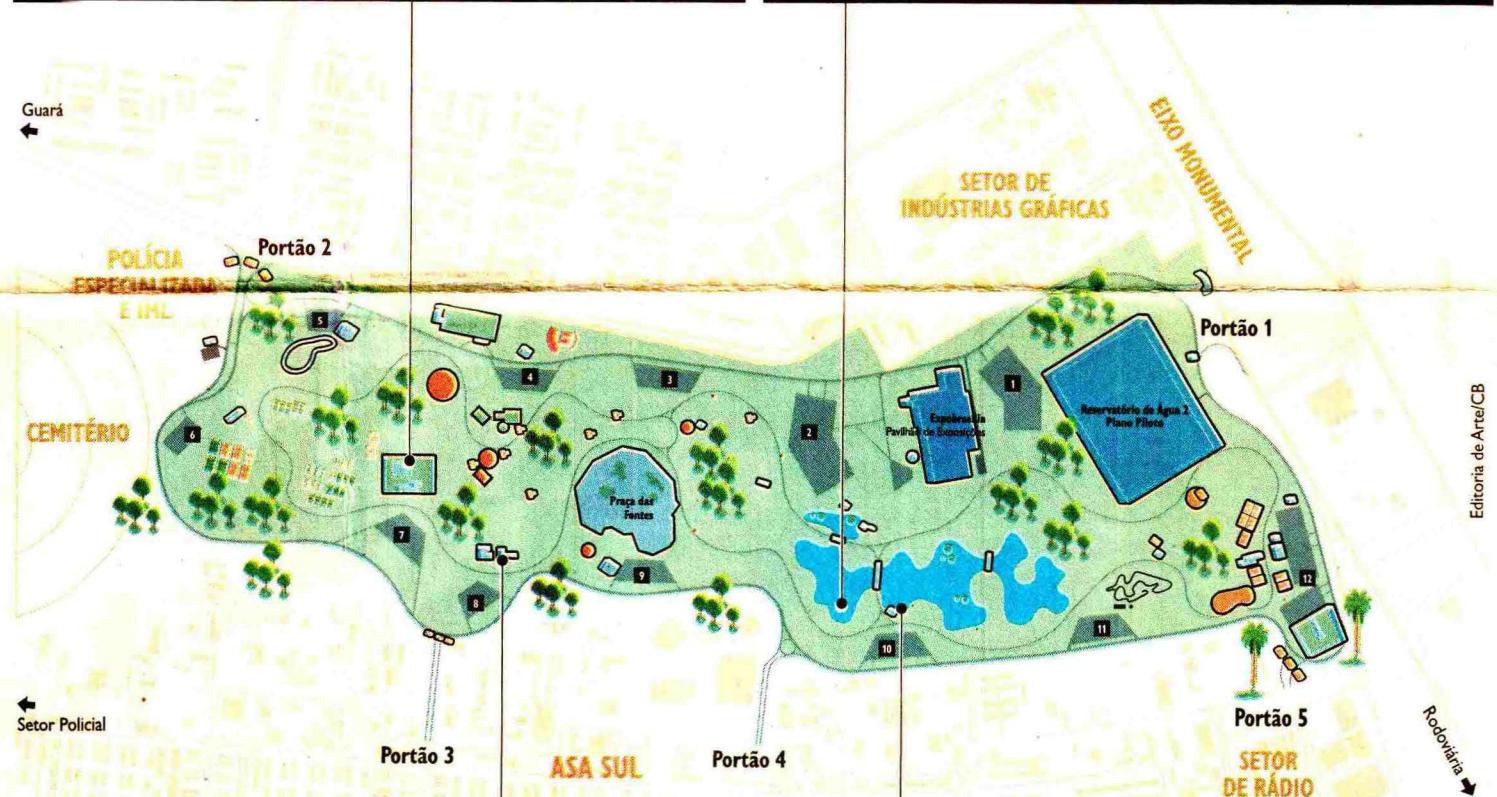
Técnicos do Instituto Brasília Ambiental concluíram o levantamento de tudo o que precisa ser feito na piscina de ondas. O estudo foi entregue à Secretaria de Obras em 21 de janeiro deste ano. Caberá à pasta licitar uma empresa especializada, que fará o diagnóstico detalhado das obras necessárias. É o maior projeto de revitalização do parque. Ainda não tem data para voltar a funcionar



PESQUE-PAGUE

HOJE
O pesque-pague foi licitado. Além da pesca, terá restaurante, serviço de bufê e bar. Inaugurado em 19 de janeiro, apenas o bar e o restaurante estão funcionando, à noite, com festas de quinta a domingo. Vencedores da licitação alegam que o lago está vazio e apenas a direção do parque pode controlar o abastecimento de água. Pedido para encher o lago do pesque-pague, feito há nove meses, não teve resposta

Fotos: Daniel Ferreira/CB



Editoria de Arte/CB



BICICLETÁRIO

HOJE
Desde que o Correio esteve no local, há um ano e meio, nada mudou. O prédio continua completamente abandonado. Parte das telhas está quebrada, assim como os vidros das janelas. No passado, as famílias podiam alugar bicicletas ou quadriciclos para pedalar no parque

O QUE SERÁ FEITO

A mesma equipe do Instituto Brasília Ambiental que estuda o projeto básico do pedalinho fará o levantamento do que precisa ser feito no bicicletário. A meta é reinaugurá-lo no aniversário do parque, em outubro



PEDALINHO

HOJE
Uma equipe coordenada pelo Instituto Brasília Ambiental deu início ao levantamento do projeto básico da licitação da área. O nome dos integrantes será publicado esta semana no Diário Oficial do Distrito Federal. Assim que o projeto básico ficar pronto, monta-se o processo licitatório. A meta é que também seja reinaugurado no aniversário do parque, em outubro

REINAUGURAÇÃO

O bicicletário completa o time de fantasmas que assombra o Parque da Cidade. Fica perto da piscina de ondas e continua abandonado. Parte o telhado está quebrado, assim como os vidros das janelas. Apenas a placa com os preços cobrados na década de 1990 continua lá.

Ao preço de R\$ 3, o visitante alugava uma bicicleta por até 30 minutos. Tinha também quadriciclos, que levavam famílias inteiras.

A meta da gerente do Parque da Cidade é reinaugurar o bicicletário e o pedalinho até 30 de setembro. Segundo Joseni Fer-

reira, uma equipe do Instituto Brasília Ambiental está fazendo o projeto básico de licitação da área. É o primeiro passo para licitar as áreas de lazer.

"Nessa etapa, definimos o que precisa ser melhorado no local e o que será oferecido ao público. Tudo isso, claro, com o

menor preço para o usuário", destacou. "Quero fazer uma grande festa no aniversário de 30 anos do parque. Dos cinco fantasmas, só não será possível resolver o problema da piscina. Mas o resto, quero que esteja à disposição dos freqüentadores", afirmou.